

Quando abri a porta do moinho e vi tanto polícia, admiti por breves instantes que precisassem de mim. Julguei, talvez, que pudesse sair pela porta das traseiras e fugir como sempre, sem deixar rasto, pistas ou vestígios – dissipar-me nas garras de uma loucura insana –, para me refugiar na minha casa, na colina, na colina que era só minha. Longe de todos os olhares, bem longe de toda a verdade.

Eu era aquele que todos queriam e, ao mesmo tempo, aquele que andava perdido para o mundo.

Foi no quinto dia do mês de março de 2014.

Quando abri a porta do moinho e vi tanto polícia, ajuizei, em vão, que aqueles homens armados me pudessem pedir ajuda para capturar o monstro que vivia dentro de mim, que o desse de mão beijada, talvez em troca da absolvição dos meus pecados, o erro fatal por ter matado aquelas raparigas. Elas voavam por ali, naquela noite, entre a folhagem das árvores de Monsanto.

Como eram belas!

Quando abri a porta do moinho e vi tanto polícia, pensei que me tinha, e me tinham, finalmente encontrado. Estava feliz, as árvores também. Garantidamente, não há sorriso igual ao de uma árvore que entende o que sentimos; não há. Percebi, quando as vi sorrir em Monsanto, que as árvores também choram, porque também as vi chorar. Choravam por elas, por mim – que sou a pior parte do mal e a

melhor parte do bem –, pelo monstro, aquele que criara à luz de uma ilusão monstruosa, de uma doença: a minha querida Florbela.

Espanca que és amor, dá-me a força de um verso, o abraço da tua poesia; preciso de ti. Não me abandones; não me abandones pela razão ou pelo rasgo cego da espada da justiça. No meu caso, o frio metálico de milhares de armas apontadas a mim.

Quando abri aquela porta... Quando abri aquela porta, desejei escrever um dos teus sonetos, uma quadra, um verso que fosse. Mas era tarde. Era tarde de mais para mim.

Esta doença, a doença de matar, não nasceu comigo. Tudo começou – e ainda é cedo para vos falar sobre a noite de 5 de março de 2014 – porque havia muitas coisas que me perturbavam. Uma delas, a essência perdida de Florbela Espanca.

Dava muitas vezes por mim enleado entre os que podiam ter sido os seus pensamentos.

Mas não era só ela; o outro era o meu ser duplicado. Um de mente sã, o outro com ela doente. Ela levava sempre a melhor, era mais possessiva, e eu levado a questionar-me.

Por que morreste tão nova? Foste poetisa; talvez eu seja, ao menos um pouco, um poeta enviesado. Porque este corpo não me pertence. Pertence-lhe a ele, ao monstro que comanda a minha vontade. O ser duplicado, a hediondez que me habitava.

Sou teu, Florbela? Será que um dia o serei?

Aqui me sinto; aqui me deito, derramado, em leves traços, em finas letras, na minha angústia, sorrindo.

Quis terminar com este sofrimento que me entope as artérias, que me bate latente e em taquicardia; foi o anseio de um momento de lucidez, mas não consegui... O monstro era forte, o monstro que se apoderou dos meus passos, aquele que se alimenta destas mãos banhadas de sangue, aquele que agora voltou para me atormentar, revelava-se forte de mais; e tu aí estendida, tão bela. O monstro que

me obrigou a matar; eu sabia que seriam mais vezes e nada fiz. Matei pela primeira vez! Matei; voltaria a matar; ele desejava-o ardentemente, irremediavelmente, desmesuradamente. No fundo, quem sabe, seria eu que assim o pretendia.

Ai, Florbela! Florbela! Florbela...

Depois da morte só posso escrever, só posso escrever para te ter e só posso matar para te ver, para te ter aqui só mais uma vez, perto de mim, uma última vez, porque estou perpetuamente perdido, desenhado.

Ao escrever sem parar comovo-me; tu na mesa, pura, vestida de azul – azul manchado, impregnado de vermelho, o vermelho que já limpei –, de um azul-pálido, daquele de quem se foi, de quem se foi para sempre.

Estarás com ela, Florbela? Gostaria de acreditar que sim. Se estiveres, fala-lhe de mim, diz-lhe que não sou assim tão...

Tantas questões; tantas dúvidas.

Não existes no meu mundo, eu sei Florbela. Eu não pertenço ao teu presente, já não, pois morreste para este em minhas mãos imundas.

Aquele mundo, que traço agora com a minha caneta, não existe, não pode ser delineado. E escrevo sem parar, sem parar, sem chorar; as lágrimas secaram.

Ainda te ris, monstro sem alma, como podes? Como podes?!

Desculpa! É por isso que estás aqui deitada nesta mesa, vestida de tons de vermelho que suplantou o azul, o teu azul, meu amor. Tão nova; tão atlética; tão minha.

Riscaste o esboço do que sou, um louco, triste, apaixonado. E agora que já não te ris, agora que já não fazes troça, agora que os teus cabelos pretos são a fonte que acalmou a minha sede. Agora és minha, minha e dele.

Queria adormecer o monstro e só conseguiste acordá-lo; quem te manda ser tão bela, uma delicada flor, Florbela. Mas a grande meta não é o facto de estares aqui, quando secaste para os olhos do mundo, quando eu cuidei de ti. Não... Não é esse o meu propósito.

O grande problema é que não podes colmatar a falta de quem eu preciso; tu não és a Florbela, entendes? És apenas mais uma que

deixou de respirar, apenas mais uma que pereceu ao poder do animal feroz, às garras de um ceifeiro da vida, que te trouxe a tua morte.

E tu! Não me castigues, monstro cruel. Tu é que és assim, demente, triste, sem espírito. Deixa-me, deixa-me de vez.

Ao olhar-te de novo, sei-o bem, nunca serás minha; nunca o serás...

Meu amor, apenas posso amar-te, desvairadamente, para sempre, no corpo desta que agora dorme no leito da minha loucura, aquela que matei por ti. Aquela que matei pela primeira vez.

Foi horrível... Só desejava que os olhos dela não me olhassem como se fossem um espelho de dor, que mostrasse a minha face oculta. Tive de me lavar; senti-me violado, estuprado ao limite da humanidade que me restava. E chorei, chorei sozinho, quando os outros nem sequer imaginavam o que se passava na minha cabeça, aqueles com quem convivia numa vida a que todos chamam realidade. Era, precisamente, o contrário; a vossa vida era para mim a utopia, um pesadelo que me tolhia a essência.

Quando me acalmei, tentei lê-la, para não a deixar desaparecer em cada palavra que mastigava sem pensar. Não sabia o seu nome, mas podia ter sido Florbela, a minha Florbela; para mim seria Florbela, a minha e a outra, a poetisa; aquela que foi mais alto do que os homens, que mordeu como quem beija, que sentiu como quem seja.

Antes de a matar, aquela que foi a primeira, o monstro falou comigo:

– Sabes o que tens de fazer, não sabes? Vês, identificas e matas. Não há conversa desnecessária. Tens de ser frio, contundente, veloz como uma leoa que ataca a presa.

– E como se faz isso, se nunca matei ninguém? – respondi.

– Vais matar! Porque depois de matares a primeira, as outras serão, simplesmente, o prolongamento desse momento.

– Não sei se sou capaz...

– Cala-te! É claro que és capaz. Não sejas cobarde.

– Não, não... Não posso...

– Se não matas, que vai ser de ti? Não passas de um inútil, de um triste sem destino. Olha para ti, olha...

Mirei-me no espelho partido. Nele conseguia ver as nossas duas caras, as nossas duas almas – como se ainda as tivéssemos –, fundidas.

– Deixa-me, deixa-me de vez – pedi.

– Podes fugir, podes esconder-te. Mas não vais livrar-te assim de mim. Faço parte do teu íntimo. Sou a tua cara sem máscaras, sou a tua maior verdade.

– Monstro maldito, não me atormentes, afasta-te. Ouviste?

– Como posso, se te nasço nas mãos, se te corro nas veias? Essas duas imagens que vês não passam de um só. É a imagem de um ser repartido, de uma alma corrompida pelo mundo, suja pelo inferno, destroçada porque tem sede de sangue...

– Para! Para... – *tentava afastá-lo. Era impossível.*

Eu só queria ser como tu; como não o vias? Precisava matar para que renascesses, para que soubesses quem sou, para que calasses este monstro para sempre.

Apesar de não gostar dele, do monstro, perguntava-lhe muitas vezes como tudo começou, como é que ele e ela me levaram a fazer o que estava prestes a fazer, a revelar-me um assassino.

– Foi ele? – *perguntei-lhe.*

– Não...

– Ela?

– Não.

– Foram os olhos dele?

– Também não.

– A determinação dela?

– Não!

– A força com que ele encara a vida?

– Estás muito frio – *gracejou.*

– Já sei.

– Diz lá, génio.

– A fugacidade da Florbela?

– Fugacidade?! Nem lá perto!

– Hum!... O encanto?

– Não, não, não e não.

– A doçura?

– Não!!!

– O dever?

– Já que falas nisso; qual é o teu dever? – *quis saber.*

– O meu dever... O meu dever é ser como ele. Como ele e como ela, a minha Florbela.

– Depende do ponto de vista, cretino.
– Não... Não me ofendas, monstro malvado. Então como foi? Diz-me lá...

– Não descortinas o que está mesmo à tua frente?

– Descortino? Não percebo...

– Não vês que foi por tudo isso, por tudo aquilo que mencionaste. E é por tudo, porque o nada não compensa, que vais embeber de sangue, de morte, a lâmina desta faca. Sim, essa que atiras contra a trave de madeira como se fosse um alvo. Uma e outra vez; uma noite inteira.

– E se eu não quiser?

– Se não quiseres, é simples. Mato-te eu!

Eu tentava, juro que tentava falar a bem com ele. Era demasiado intransigente. Quando entrava na minha cabeça, não conseguia fazer mais nada. Tínhamos feito um pacto; no trabalho – aquele que mantinha como fachada, aquele que deveria ser a minha parte nobre – deixava-me em paz. Julgava por vezes, quando me preocupava com os problemas dos outros, que tinha uma missão, que tinha, imaginem, sonhos... Como qualquer pessoa da minha idade; sim, deveria tê-los.

Quando matei a primeira, escrevi e escrevi; escrevi mais, cada vez mais, sem parar, para o afastar.

– O que foste fazer, o que foste fazer? Maldito!

Florbela! Florbela! Florbela! Ajuda-me...

Só me resta a culpa e a cobiça, escrever e chorar de novo. Choro por mim, por ti, por nós, pois chorando vão-se as feridas, as mágoas, o monstro. Pelo menos, numa fração de segundo, o trágico segundo que se leva a matar alguém; ao chorar lavo-te também a ti, lavo o vestido azul-pálido, tingido pelo vermelho do sangue derramado, manchando esse azul de que tanto gostas.

Afasto a mesa onde pouso a morte e atiro a cadeira ao chão; a dor despedaça-me o peito – a dor desgarrada que me fere a alma – e dou por mim a pensar que sou teu; como se alguma vez isso, sequer, fosse possível. Sento-me a teu lado, ao lado da cama imaginária que poderá ser a nossa, Florbela.

Matei-te, pobre criatura, eu sei, com estas mãos imundas, do corte profundo desta faca suja... O sangue vai conduzir-me até ti, eu sei, eu sei.

Abraço-a mas está fria, não sinto o seu calor, apenas colho o sofrimento por não te ter e por ter matado aquela jovem.

– Larga-a! É uma cabra; não passa de uma cabra – gritavas sem parar. – Estás a chorar porquê, lingrinhas? Não vês que és um assassino? Os assassinos não choram.

Eu?! Sim, sou um assassino. Monstro amaldiçoado! Tens razão.

Mas ele não me vai calar; vocês têm de perceber porque sou assim; eu deixo a porta aberta. Devem entrar na minha colina, vou deixar instruções, e deverão entender o que vejo, o que sinto. Necessitarão de preencher o meu horizonte, o olhar para lá daquela janela sobre Monsanto, sobre o manto negro que me cobre.

Não quero desculpas, um perdão caído do céu. Não! Só a ele devo a minha vida, aquele que vão conhecer, que vão amar e odiar como eu. A minha doce e triste obsessão.

Não me resta mais nada e por não me restar nada, vou contar a minha história, a nossa história, porque não vivi em monólogo, este romance não sobreviveria – o que seria dos romances sem uma grande história de amor –, porque não fui com certeza a única e perpétua personagem.

Eu era aquele que andava perdido pelo mundo.

Foi então que tomei uma decisão: contar tudo, tudo aquilo que aconteceu.

Sete de agosto de 2008. Um dia como tantos outros. Àquela hora, no Bairro da Boavista, o ar denunciava um calor abrasador e as pessoas, atarefadas, entrelaçadas ao próprio destino, caminhavam sem grande fado. Os tempos ruminavam os ossos, já mais que gastos, de quem já tinha tão pouco; eram assim aqueles tempos – um prenúncio de austeridade –, os tempos que se viviam naquele dia ébrio, um dia mais temulento do que o meu. Adivinhavam-se tempos duros, difíceis.

Alheio a essas coisas do destino, levantei-me da cama, o serviço chamava por mim. Tomei um duche rápido e aparei a barba com a máquina – velha, mas que servia para os gastos – e sentei-me na cama, ainda nu, para beber um café que a minha mãe preparara bem cedo. A noite fora dura; fardei-me, peguei na carteira profissional e na arma de serviço.

Lá fora, os carros, tal como cavalos de metal, gritavam buzina-de-las de desespero, cada um para seu lado, cada um com sua razão; no passeio, altivo, o executivo preparava-se para ir para o emprego – no colarinho, o batom de uma noite denunciada –, depois de devorar um pastel de nata e tomar, de um trago, um café bem forte; o pelintra, esperto, tentava ganhar mais uns trocos a gamar o que não era seu; o mendigo chorava esmola na calçada, mostrando as chagas às nuvens perdidas, sem grande volume, naquele céu testemunha; e a senhora

que passeava descontraidamente o caniche colada à montra, enquanto, no bolso, o cartão de crédito *gold* lhe sussurrava uma sede que a deixava de água na boca. Era a cidade de Lisboa a representar-se a si mesma, o papel para o qual fora talhada.

Há muito que vivia no meio dessa confusão ordenada, quando os ponteiros do relógio me chamaram a atenção: oito horas. Estava atrasado para o serviço.

Entrei na esquadra apressado. Acenei ao chefe, que estava a atender uma pessoa – para bem dos meus pecados nem olhou para o relógio –, e fui para a sala de apoio; a minha sorte é que não notou que tinha bebido álcool suficiente para rebentar com o «balão». Mais tarde, já a trabalhar, dei por mim a passar umas multas que tinha em atraso; que bela forma de começar o turno de serviço.

O tempo passou-me ao lado. Só despertei do meu estado etilizado – de uma noite, como se diz, bem regada –, ao início da tarde, deviam ser umas duas horas. Comi uma bifana, não consegui engolir mais nada. Era do calor e o estômago arrebelava-me os intestinos, pedia apenas café. E eu, depois de beber o terceiro, entrei aos tropeções no carro patrulha. A minha parceira riu-se. Estive quase para a mandar passear, mas depois tinha de a aturar uma tarde inteira. Prefери aquietar-me e com um sorriso sarcástico resolvi o problema.

Após o primeiro giro à área, parámos junto à entrada do El Corte Inglés. Trocámos banalidades, mas os olhos, esses, bem treinados – que os olhos dos polícias não dormem –, permaneciam atentos às movimentações dos transeuntes que por ali passavam. Controlávamos o cruzamento da Avenida Marquês da Fronteira com a Avenida António Augusto de Aguiar. Era apenas uma paragem de rotina para evitar que os *mitras* pudessem fazer das suas.

Recostei-me no banco para saborear os raios de sol que me aqueciam a face, quando decidi meter-me com a minha colega.

– Eh, pá! Hoje, acordei com um melão, estou com uma moca que não posso – disse, espreguiçando-me.

O meu corpo pedia que dormisse um pouco. Tentei fintá-lo conversando com ela.

– Noitada! Já era de esperar – lançou, sem grande admiração.

– Nem sabes, porra. Foi até às tantas. Pena o Martins ter trocado este serviço comigo, estava a dever-lhe um, teve de ser. Mas calhou

mesmo mal, podia ter ficado na cama com a russa que conheci no Safari...

– Cala-te, Silva! Poupa-me. E só te faz bem trabalhar, meu rapaz.

– Tens razão. Mas, como sabes, não gosto de trocas e, de facto, podia estar a comer aquela loura gulosa. Agora, estar aqui a aturar-te...

Consegui tirá-la do sério. Ficara fula. Levei uma valente bofetada.

– Au! Então?! – queixei-me.

– Mereceste.

– Esta gaiata está parva. Mereci, uma ova. Estás-te a passar?

– Olha lá! Respeitinho. Estás a falar com uma menina. Tens sorte em não te descarregar o gás pimenta em cima. – A Isabel demonstrou uma inquietação fora do comum. Pareceu-me estranha. – Não precisas de armar-te em pavão.

– Rendo-me. Não falo mais em miúdas – disse, contrariado.

Não se julgue que este tipo de relação é normal junto dos polícia; posso afirmar que, não raras vezes, há polícia que não se falam. Para esses, o dia a dia costuma ser frio, distante, meramente profissional. Connosco era diferente, diria ter o privilégio de um relacionamento especial. Éramos amigos de longa data, especiais, desde o nosso curso de agentes. Confiávamos plenamente um no outro. Quando calhava, e nos juntavam no mesmo turno, cuidado, os ladrões que se cuidassem.

– Carro 17, desloque-se à Avenida da República, junto ao n.º 16, sentido Saldanha-Campo Grande, acidente com fuga – ressoou, ao rádio, o elemento da central.

– Recebido. Carro 17 a caminho – responderam os colegas da área do Saldanha.

– Mais um, Isabel. Fogo! Ou está bêbado ou é mais um que não tem seguro ou inspeção.

– É melhor questionarmos a direção de fuga, não tenha vindo para a nossa área. O que dizes?

– Sim, faz isso.

A Isabel inclinou-se, pousou a placa onde anotava as ocorrências, e pegou no rádio. Era uma mulher muito interessante.

– Central, carro 21 chama.

– Transmita.